Prof. Doutor Jorge Peixoto Coutinho

Prof. Doutor Jorge Peixoto Coutinho: O homem, o padre, o professor

Sabíamos da gravidade da sua doença e da consequente fragilidade da sua saúde, mas não estávamos preparados – será que alguma vez se está? – para a notícia triste: "Faleceu o Doutor Jorge Coutinho". Na manhã solarenga de 9 de Novembro de 2015, em plena Semana dos Seminários e vésperas de S. Martinho, a notícia apanhou-nos desprevenidos e encarregou-se de dar um colorido triste a uma manhã luminosa.

Apesar da surpresa, de imediato descobríamos nisso uma metáfora da vida e da morte, tão apropriada para a reflexão que o mês de Novembro nos proporciona, desde o seu início, com a celebração da Solenidade de Todos os Santos (dia 1) e a Comemoração dos Fiéis Defuntos (dia 2). E, pelo que conhecíamos do Doutor Jorge Coutinho, não nos foi difícil concluir que, com esta partida, acontecia para nós uma perda irreparável, ao mesmo tempo que se enriquecia a galeria dos santos.

Passadas as exéquias fúnebres e superado o turbilhão de ideias que, por estas alturas, em nós se instala, chegou o tempo de recordar o homem, o padre e o professor, em jeito de memória agradecida por quanto dele recebemos, pelo muito que com ele aprendemos e por quanto esta Revista lhe deve, dado que foi seu Director desde 1996 até ao momento em que faleceu.

O homem…

Nasceu para a vida a 7 de Novembro de 1939, em Alvarães, Viana do Castelo. Também aí nasceu para a fé, pela mão dos seus pais e no enquadramento mais vasto da comunidade cristã. De igual modo, foi lá que iniciou a sua aprendizagem, com a frequência da instrução primária, entre 1946 e 1950.

Em 1950, com quase onze anos, entrou para o seminário, esse espaço e tempo em que, para usar a linguagem de Lc 2, 52, cresceu em estatura, sabedoria e graça, preparando-se convenientemente para desempenhar o múnus que, pela ordenação sacerdotal, a 15 de Julho de 1962, lhe viria a ser confiado.

Diz quem por essa altura o conheceu que, desde muito cedo, se percebeu estar não apenas perante um jovem intelectualmente capacitado, mas também dotado de grande sensibilidade espiritual e artística, sobretudo nas áreas da poesia e da pintura, de que nos deixou registos diversos.

Numa observação atenta às qualidades que possuía, saltava à vista a sua condição de homem "discreto, amável, respeitador, condescendente, mas também firme e humanamente duro, sempre que as circunstâncias o exigiam" (Domingos Silva Araújo, "À memória do Jorge Coutinho", in *Diário do Minho*, 10-11-2015). Poderíamos acrescentar a isso a solidariedade e a atenção às necessidades dos outros, mesmo materiais. A muitos ajudou na condição de amigo com quem se podia desabafar, partilhar anseios e preocupações. Sabia ouvir, media bem o que tinha para dizer e guardava segredo em relação ao que escutava. Ouvir e aconselhar eram verbos que o Cónego Jorge Coutinho sabia conjugar como ninguém!

… o Padre…

Desde que foi ordenado sacerdote, foram muitos os serviços especificamente sacerdotais que o Padre Jorge Coutinho desempenhou. O primeiro foi mesmo entre os mais novos do Seminário Menor, a quem ofereceu o melhor de si, quando, após a ordenação, foi trabalhar na sua formação.

Depois da sua estadia em Roma (1963-1965) e de alguns anos dedicados sobremaneira à leccionação, foi nomeado Vice-Reitor do Seminário de Santiago (1970-1974) e do Seminário Conciliar de Braga (1974-1980), numa altura em que a efervescência conciliar tornava mais delicada a tarefa da formação dos candidatos ao sacerdócio. E são bastantes os padres dessa década que o recordam como pedagogo que apostava na paciência e na condescendência para ajudar a crescer de forma livre e responsável.

Em 1985, foi eleito cónego capitular do Cabido Metropolitano e Primacial Bracarense e, em 2003, seu Arcediago. É aqui que se torna imperioso referir o notável trabalho por ele desenvolvido como Presidente da Comissão da Quaresma e Semana Santa, desde 2003. O seu contributo para guindar a Semana Santa de Braga a padrões de espiritualidade e cultura como até então não se tinha visto, granjeou-lhe amizades e simpatias por parte das instituições civis e das pessoas particulares que nem a morte nem o passar dos anos facilmente apagarão.

Foi, desde 1970, capelão do Colégio de S. Caetano e Presidente da Assembleia Geral da Fraternidade Sacerdotal. E por uma quase dezena de anos também Primeiro Secretário do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Braga (2000-2009).

Durante muito tempo, foi também confessor regular na Basílica dos Congregados. Homem de fé e de oração, sempre desempenhou os cargos que lhe

eram confiados com discrição e humildade, a par de um notável espírito de serviço e de um esforço sofrido, sobretudo quando a saúde se tornava mais frágil.

… o Professor

O percurso académico de Jorge Coutinho começou a desenhar-se em 1965, quando se licenciou em Filosofia pela Universidade Gregoriana. Já professor há quase dez anos, licenciou-se também em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1974) e, bem mais tarde, a 17 de Julho de 1995, doutorou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Braga, com a tese "O pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico", aprovada com "Distinção e Louvor", por unanimidade.

Entre outras disciplinas, leccionou Filosofia, Filosofia do Conhecimento, História da Filosofia e Teologia Filosófica, nas Faculdades de Teologia e Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em Braga. Noutros tempos, ao nível do secundário, leccionou também línguas e literatura, no Seminário de Nossa Senhora da Conceição e no Colégio D. Diogo de Sousa. Numa e noutra condição, pudemos apreciar a sua sensibilidade de artista, delicadeza de trato e profundidade de pensador.

Foi Director do Instituto Superior de Teologia de Braga, entre 1977 e 1980, Director Adjunto do mesmo Instituto entre 1983 e 1987 e Director Adjunto da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa para a extensão de Braga, cargos que exerceu com elevada dedicação, como é reconhecido por todos. Nessa condição e por inerência, foi membro do Conselho Científico da UCP e do Conselho Superior do Instituto Católico de Viana do Castelo.

Da sua reflexão, investigação e leccionação nasceram quatro livros: *Os caminhos de Deus nos caminhos do homem. Introdução ao mistério da salvação*, ed. Apostolado da Oração, Braga 1988; *O pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*, ed. Faculdade de Filosofia, Braga 1996 (tese de doutoramento); *Filosofia do Conhecimento*, ed. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa 2003; *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer*, ed. Tenacitas, Coimbra 2010.

Escreveu também mais de uma centena de artigos em revistas da especialidade ou em colectâneas; fez inúmeras conferências e intervenções em Semanas de Estudos, Colóquios e Congressos, no país e no estrangeiro; participou em diversos projectos de investigação e em numerosos júris de provas académicas; e orientou diversas dissertações de mestrado. A leitura dos seus artigos e a escuta dos seus conselhos dava aos leitores e alunos a sensação de se estar a ler ou a escutar um mestre que, por saber do que falava, transmitia a certeza e a segurança de se estar no rumo certo.

Foi, durante muitos anos, Director desta Revista (desde 1996 até à data do seu falecimento), "tendo conhecido sob a sua direcção uma fase de consolidação e afirmação internacional, no campo das ciências teológicas" (João Duque, "Editorial", in *Theologica*, XLV (2010/2), p. 242). A paciência com que esperava pelos artigos, com que elaborava as recensões (escondia este seu trabalho numa boa meia dúzia de pseudónimos) e com que corrigia as provas, no ambiente monástico do seu quarto, na Casa Sacerdotal, eram sinais evidentes da sua disponibilidade para servir, de modo discreto. Esta forma de estar, em boa medida, pode apresentar-se como o resumo da sua vida.

Em jeito de conclusão, adoptamos as palavras de alguém que, como nós, foi seu aluno e, após a morte, se pronunciou sobre o mestre: "Não tenho dúvidas de que Deus já o recebeu no seu Reino. Creio mesmo que, se ele tivesse a oportunidade de redigir o seu próprio epitáfio, escreveria: 'Deus chamou-me de volta!'" (Abílio Peixoto, "O Cónego Doutor Jorge Peixoto Coutinho 'foi chamado de volta…'", in *Diário do Minho*, 11 de Novembro de 2015, Caderno Cultura, II).

João Alberto Sousa Correia